

# O legado missionário do Papa Francisco em tempos de polarização: cultura do encontro à luz de *Laudato Si*, *Evangelii Gaudium* e Zaqueu

*El legado misionero del Papa Francisco en tiempos de polarización: cultura del encuentro a la luz de Laudato Si, la Evangelii Gaudium y Zaqueo*

*The missionary legacy of Pope Francis in times of polarization: culture of encounter considering Laudato Si, Evangelii Gaudium, and Zacchaeus*

Erick Fernandes Martins da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o legado missionário do pontificado do Papa Francisco em um contexto contemporâneo marcado por polarizações sociais, culturais e religiosas, a partir das encíclicas *Laudato Si* e *Evangelii Gaudium*, bem como na narrativa do encontro de Jesus com Zaqueu no Evangelho de Lucas (Lc 19,1-10). O estudo busca compreender como a cultura do encontro se configura como eixo missionário capaz de articular evangelização, conversão, misericórdia e cuidado com a casa comum. Sustenta-se que a proposta missionária do Papa Francisco oferece à Igreja um horizonte pastoral relevante para responder às lógicas de exclusão, fechamento e indiferença que marcam o tempo presente. Conclui-se que seu legado missionário recoloca a missão da Igreja no horizonte da proximidade, da escuta, da responsabilidade socioambiental e abertura ao outro.

**Palavras-chave:** Missão; Cultura do Encontro; Evangelização; Conversão. Ecologia Integral.

**Resumen:** Este artículo analiza el legado misionero del pontificado del Papa Francisco en un contexto contemporáneo marcado por polarizaciones sociales, culturales y religiosas, a partir de las encíclicas *Laudato Si* y *Evangelii Gaudium*, así como del relato del encuentro de Jesús con Zaqueo en el Evangelio de Lucas (Lc 19,1-10). El estudio busca comprender cómo la cultura del encuentro se configura como un eje misionero capaz de articular la evangelización, la conversión, la misericordia y el cuidado de la casa común. Sostiene que la propuesta misionera del Papa Francisco ofrece a la Iglesia un horizonte pastoral relevante para responder a las lógicas de exclusión, cierre e indiferencia que caracterizan el presente. Concluye que este legado misionero reposiciona

<sup>1</sup> Seminarista da Diocese de Caratinga (MG) e membro do COMISE local. Tendo cursado Filosofia e cursando Teologia no Instituto Filosófico e Teológico de Caratinga (ITEOFIC). Participante do Curso de Animadores *Laudato Si'* 2026/1. Contato: ef530416@gmail.com.



la misión de la Iglesia dentro del horizonte de la cercanía, la escucha, la responsabilidad socioambiental y la apertura a los demás.

**Palabras clave:** Misión; Cultura del encuentro. Evangelización; Conversión; Ecología integral.

**Abstract:** This article analyzes the missionary legacy of Pope Francis pontificate in a contemporary context marked by social, cultural, and religious polarizations, based on the encyclicals *Laudato Si* and *Evangelii Gaudium*, as well as the narrative of Jesus' encounter with Zacchaeus in the Gospel of Luke (Lc 19, 1-10). The study seeks to understand how the culture of encounter is configured as a missionary axis capable of articulating evangelization, conversion, mercy, and care for our common home. It argues that Pope Francis' missionary proposal offers the Church a relevant pastoral horizon to respond to the logics of exclusion, closure, and indifference that mark the present time. It concludes that this missionary legacy repositions the Church's mission within the horizon of closeness, listening, socio-environmental responsibility, and openness to others.

**Keywords:** Mission; Culture of Encounter; Evangelization; Conversion; Integral Ecology.

## 1. Introdução

A reflexão teológica e a pastoral contemporânea, especialmente no que se refere à missão da Igreja em um mundo atravessado por polarizações políticas, religiosas, sociais, culturais, pela lógica do desconforto e do fechamento, conveniência social e conseqüentemente eclesial, tem sido confrontada pelo pontificado do Papa Francisco, que propõe pensar a Igreja como fonte do testemunho da reconciliação, da proximidade e da abertura ao outro.

O presente artigo tem como objetivo analisar o legado missionário do Papa Francisco em tempos de polarização, a partir da categoria da cultura do encontro, em diálogo com as encíclicas *Laudato Si* e *Evangelii Gaudium*, bem como a narrativa do encontro de Jesus com Zaqueu em Lucas 19,1-10. O ponto de vista metodológico reside na articulação entre a leitura documental, a análise teológica e a interpretação pastoral, buscando compreender a missão e sua sintonia com a ecologia integral e a evangelização.

O texto está dividido em três partes principais. Na primeira, analisa-se a missão evangelizadora à luz da *Laudato Si*. Na segunda, estuda-se o encontro de Jesus com Zaqueu como paradigma missionário. Na terceira, articula-se essa leitura com a proposta da "Igreja em saída" presente na *Evangelii Gaudium*. Sustenta-se, portanto, que o legado missionário deixado pelo Papa Francisco ofereceu à Igreja uma resposta pastoral diante das fragmentações e polarizações do tempo presente.

## 2. A missão Evangelizadora à luz da *Laudato Si*

A encíclica *Laudato Si* (Louvado Sejas), do saudoso Papa Francisco, publicada no ano de 2015, oferece luzes para que a partir do cuidado com a criação em todas as suas esferas



o ser humano possa desenvolver sua consciência missionária partindo da relação entre o Eu (pessoa) e o Tu (outro) e não somente no eu isolado, como defende o antropocentrismo. Nessa dinâmica, o aspecto da missão evangelizadora da Igreja passa também pelo cuidado com a casa comum.

### 3. A ecologia integral como missão da Igreja

O Papa Francisco aponta São Francisco de Assis, que se dedicou inteiramente ao Reino de Deus no cuidado para com os mais pobres e excluídos, ressaltando com pequenos gestos a importância do cuidado para com a criação, como um modelo a ser seguido - “Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade” (LS, 10). Francisco, com simples gestos, lançava aos corações sementes que poderiam ser usadas na construção de uma ecologia integral: “O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano” (LS, 11.).

O exemplo do pobrezinho de Assis deve provocar no ser humano a seguinte reflexão: Estou vivendo o que Jesus pede no Evangelho? Minha vida está sendo extensão do Reino de Deus para outras pessoas? Essas questões apresentam o ponto central — um coração aberto e disponibilidade — para a verdadeira vivência missionária, fundada e vivida em Cristo, rocha firme e fonte da fé, que propõe algo simples: que o ser humano saia de si mesmo para o encontro com as outras realidades, que muitas vezes provocam uma conversão interior e mudança de mentalidade.

O Senhor tira o ser humano do comodismo e do individualismo e o coloca na dinâmica do serviço a Deus e aos outros. Dessa forma, a missão evangelizadora não se limita ao anúncio verbal, mas se concretiza em atitudes de cuidado, serviço e responsabilidade com toda a criação.

São João Paulo II, ao refletir sobre o tema ecologia, afirmou que o ser humano aparenta “não se dar conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles que servem somente para os fins de um uso ou consumo imediatos” (LS, 5). Francisco de Assis, o irmão de todos, entrava em diálogo com toda a criação. O Papa Francisco, ao comunicar “pequenos mais fortes do amor de Deus, como São Francisco de Assis, todos nós cristãos somos chamados a cuidar da fragilidade do povo do mundo em que vivemos” (EG, 216); faz o pedido da promoção da Ecologia Integral.

O Papa Francisco, ao mencionar São Francisco de Assis, na encíclica *Laudato Si*, apresenta-o como modelo a ser seguido. Portanto “seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano” (LS, 11). No capítulo IV da *Laudato Si*, o Papa Francisco apresenta uma ecologia integral, voltada para a questão ambiental, a econômica, a social, a cultural e a cotidiana regida pelo princípio do bem comum e pela prática da justiça intergeracional.



E isto exige sentar-se a pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. [...] Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender. Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade (LS, 138).



A perspectiva da vivência missionária deve provocar o ser humano a seguir o exemplo de Francisco de Assis e escrever o cântico das criaturas, o cântico de ação de graças pela missão que ele confia a cada pessoa, fundamentado por sua gratidão, louvação e principalmente pela “fé no Deus criador, o respeito pela vida e pela dignidade da pessoa humana, o respeito e o cuidado pelo universo criado que está chamando o ser humano para glorificar a Deus” (Morgado, 2016). O ambiente está conectado, por isso as culturas se relacionam. Logo não há separação entre a sociedade e a natureza.

#### 4. A responsabilidade cristã e o cuidado com a casa comum

O Santo Padre Francisco faz questão de destacar na encíclica *Laudato Si*, a Eucaristia como sacramento de união entre o firmamento e o solo. Por meio da Eucaristia, o homem assume a responsabilidade de defender a criação e exercer sua missão de anunciar e proclamar a boa nova do reino: “A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador” (LS, 236).

O Santo Padre Francisco, na encíclica *Laudato Si*, ressalta o ser humano como defensor da criação, uma vez que ao ser formado da argila, tendo recebido em suas narinas o sopro da vida, recebe do Criador a missão de cultivar e guardar a criação, vivendo assim a sua vocação de ser o cultivador do jardim de Deus. “Na realidade, a intervenção humana que favorece o desenvolvimento prudente da criação é a forma mais adequada de cuidar dela, porque implica colocar-se como instrumento de Deus para ajudar a fazer desabrochar as potencialidades que Ele mesmo inseriu nas coisas” (LS, 124).

A responsabilidade ecológica no cuidado com a casa comum deve levar o ser humano a “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa” (LS, 217); muitos pensam que a experiência missionária é só anunciar a Palavra (Cristo), mas ela vai além: deve provocar uma mudança de mentalidade, uma conversão interior, para que a Palavra anunciada não permaneça apenas na mente e no coração, mas também nas atitudes e no testemunho.

O Autor sagrado escreve “Deus os abençoou: Frutificai – disse ele – e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra” (Gn 1,28). O ser humano está ligado à natureza e por isso recebe de Deus a missão de cultivar, guardar, submeter e dominar a criação.

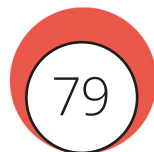
Os termos foram entendidos como se fossem uma permissão divina do uso da violência sobre a natureza e a humanidade. [...] Submeter ou subjugar (em hebraico Kabas) significa tomar posse, amparar (Sl 8,7; Js 18,1). Não indica nenhum poder tirânico sobre a terra e suas criaturas. Da mesma forma, o termo “dominar” (radar), em Gn 1,28 aponta para o ideal dos reis do antigo oriente médio, que consideravam pastores de seu povo. “Dominar”, nesse sentido, equivale ao caminhar do pastor com seu rebanho em busca de fonte de água e alimento, protegendo e cuidando das ovelhas. Jamais uma ameaça (Garmus, 2017).

O Ser humano não é dono do planeta, mas sim criatura do criador. Deus não governa, não domina e não subjuga as suas criaturas como um dominador, pois sua lei é o amor. O Papa Francisco afirma “Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente (LS, 138). O Ser humano, querendo se tornar como Deus, pecou ao comer o fruto da árvore do bem e do mal, assim quebrando a aliança e a harmonia, estabelecidas com o criador na criação.

Se às vezes uma má compreensão dos nossos princípios nos levou a justificar o abuso da natureza, ou o domínio despótico do ser humano sobre a criação, ou as guerras, a injustiça e a violência, nós, crentes, podemos reconhecer que então fomos infiéis ao tesouro de sabedoria que devíamos guardar (LS, 200).

Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a omnipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisso, há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social (LS, 122).

Por esse motivo “nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social que lhes seja imposto” (LS, 205). Por essa razão o pecado não pode se tornar dono do ser humano, visto que “capazes de se olhar a si mesmos com honestidade, externar o próprio pesar e encetar caminhos novos rumo à verdadeira liberdade” (LS, 205).



É necessário que cada ser humano, iluminado pelo Espírito de Deus, viva sua missão “proposta à luz de um estilo de vida, tanto no que concerne à diminuição de consumo e desperdício quanto a alteração do meio ambiente” (Marujo, 2019, p. 121). O Santo Padre Francisco anuncia “a cada pessoa deste mundo, peço para não esquecer essa sua dignidade que ninguém tem o direito de lhe tirar. Deus continua a animar no mais fundo dos nossos corações” (LS, 205).

## 5. A ecologia como ponto de partida para a cultura do encontro

A ecologia como ponto de partida para a cultura do encontro deve passar pela experiência da conversão, cujo significado é “obediência à vontade de Deus e confiança em Deus” (Bauer, 1979, p. 216). A conversão ecológica é muito importante para o ser humano, pois sua vida, assim como das outras criaturas, pertence a Deus e ninguém tem o direito de tirá-la a não ser Ele mesmo. O Papa Francisco deixa claro na frase “Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar” (LS, 202), que a ecologia é mudança.

O Papa Francisco reforça que “a crise ecológica é um apelo à profunda conversão interior” (LS, 217); visto que ninguém pode viver no erro: “sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro” (LS, 208). Desse modo, essa mudança possibilitará reconhecer a importância dos irmãos e das irmãs, das criaturas, transformando o insustentável em sustentável. O ser humano deve converter-se, uma vez que o cuidado em relação ao próximo e à natureza é de sua responsabilidade.

A cultura do encontro, como apresentado anteriormente, parte da conversão e mudança de vida, para que a pessoa possa se aproximar de Deus com o coração aberto e purificado, acolher sua mensagem e ir ao encontro das pessoas, levando o amor, a misericórdia e a paz de Deus a quem muitas vezes é excluído e negado pela sociedade, seja nas casas de repouso, nos hospitais, nas penitenciárias ou em outros locais. Partindo do diálogo verdadeiro, da escuta ativa e do respeito pelas diferenças, a cultura do encontro pode construir pontes ao invés de muros, como lembrava o saudoso Papa Francisco. Portanto, a cultura do encontro é sair de si mesmo para encontrar o outro com empatia, criando uma sociedade mais justa, humana e solidária.

## 6. O encontro de Jesus Cristo com Zaqueu como paradigma missionário

O encontro de Jesus com Zaqueu manifesta, de modo profundamente expressivo, o encontro do próprio Deus com a fragilidade humana, marcada ao mesmo tempo pela graça, e pelos vícios e pecados. Nesse sentido, a narrativa de Lucas 19,1-10, apresenta um encontro no qual se articulam misericórdia, conversão, acolhida e restauração. É um paradigma missionário da ação de Jesus, que vai ao encontro daquele que estava perdido, excluído e marginalizado pela sociedade, chama-o pelo nome, entra em sua casa e transforma a sua existência.





## 7. Contexto bíblico de Lucas 19,1-10

O relato do encontro de Jesus com Zaqueu, narrado em Lucas 19,1-10, ocupa um lugar significativo no terceiro Evangelho, visto que trabalha temas como a misericórdia, a conversão e a salvação aos marginalizados e excluídos da sociedade. Esse dado do encontro ser exclusivo do Evangelho de Lucas é particularmente importante porque Jesus é apresentado como aquele que se aproxima dos pobres, afastados e excluídos. Assim, o episódio de Zaqueu não é um acontecimento isolado, mas um episódio importante da cultura do encontro, na qual a salvação se realiza no contato pessoal entre Cristo e aqueles que socialmente e religiosamente eram considerados indignos.

Além disso, o capítulo 19 situa-se num momento decisivo da entrada de Jesus em Jerusalém. Trata-se, portanto, da etapa final de sua subida à Cidade Santa, onde consumará o mistério pascal. Nesse sentido, o encontro com Zaqueu deve ser lido à luz da Páscoa: Jesus caminha para Jerusalém não apenas como peregrino, mas como Cordeiro que se oferece pela salvação da humanidade. Dessa forma o episódio de Zaqueu antecipa, em nível pessoal e existencial, aquilo que a cruz realizará em plenitude: a reconciliação com o próprio Deus.

Jesus, acompanhado pelos discípulos, dirige-se para Jerusalém. No caminho, passa por Jericó, um oásis situado no vale do rio Jordão, nas margens do mar Morto, a cerca de 34 quilômetros de Jerusalém. Era ponto de passagem para os peregrinos que, vindos da Galileia e da Pereia, se dirigiam a Jerusalém para celebrar as grandes festividades do culto judaico. Situada a cerca de 270 metros abaixo do nível do mar, é também a cidade mais baixa do planeta (Ornelas et al, [s.d.]).

A salvação que em Jerusalém será oferecida a todos, já começa a manifestar-se na vida de um homem excluído e pecador. O cenário geográfico de Jericó aparece em diversos momentos da narrativa bíblica, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento (Nm 22,1; Dt 34,3; Js 2,1; Js 6,1-26; Jz 3,13; 1Rs 16,34; 2Rs 2,18-22; Mt 20,29; Mc 10,46; Lc 18,35; Lc 19,1-10; Hb 11,30); além de seus aspectos históricos e econômicos:

No caminho, passa por Jericó, um oásis situado no vale do rio Jordão, nas margens do mar Morto, a cerca de 34 quilômetros de Jerusalém. Era ponto de passagem para os peregrinos que, vindos da Galileia e da Pereia, se dirigiam a Jerusalém para celebrar as grandes festividades do culto judaico. Situada a cerca de 270 metros abaixo do nível do mar, é também a cidade mais baixa do planeta (Ornelas et al, [s.d.]).

A cidade de Jericó possui um valor simbólico, é uma cidade de passagem, de comércio, de circulação de pessoas e interesses econômicos. É nesse local de intensa movimentação humana e material que se dá o encontro de Jesus com Zaqueu. Assim, Lucas mostra que a ação de Deus não se restringe aos espaços como o templo, considerados puros e cultuais, mas acontece no coração da vida concreta, na qual a realidade humana se apresenta em toda a sua complexidade.

O aspecto econômico de Jericó é fundamental para compreender a figura de Zaqueu e sua função social: “no tempo de Jesus, Jericó era uma cidade próspera, sobretudo devido à importante produção de bálsamo” (Ornelas et al, [s.d.]). Acrescenta-se ainda que “a aristocracia de Jerusalém tinha em Jericó as suas residências de Inverno” (Ornelas et al, [s.d.]) e que, por estar “situada na encruzilhada de importantes vias de comunicação, Jericó era um lugar de oportunidades, que devia proporcionar negócios significativos” (Ornelas et al, [s.d.]).

Zaqueu, sendo “chefe dos cobradores de impostos”, ocupava uma posição vantajosa, mas moral e religiosamente reprovada. Sobre isso, observa-se que os publicanos: “eram vistos pelo povo como ladrões e exploradores dos seus concidadãos” (Ornelas et al, [s.d.]). A rejeição não era apenas moral, mas também religiosa:

Os círculos rabínicos sustentavam que os publicanos estavam permanentemente afetados de impureza e não podiam sequer fazer penitência, pois eram incapazes de conhecer todos aqueles a quem tinham defraudado e a quem deviam uma reparação. Os fariseus não os aceitavam nas suas fileiras. Quem exercia ofício de cobrador de impostos estava privado de diversos direitos cívicos, políticos e religiosos; não podia ser juiz nem prestar testemunho em tribunal, sendo equiparado ao escravo (Ornelas et al, [s.d.]).

Nesse contexto, o encontro de Jesus (santidade misericordiosa de Deus) com Zaqueu (realidade humana socialmente desprezada e religiosamente excluída) adquire um significado profundo de romper com a lógica da exclusão e inaugurar a possibilidade da conversão e da restauração. Segundo Lancellotti, a origem daquele homem que encontra com Jesus é “Zaqueu: nome grecizado (Zacchàios) do hebraico *Zakkay* (da raiz *zk'* “ser puro”)” (Lancellotti, 1972, p. 178); aqui está uma ironia fecunda: quem era considerado impuro, carrega em seu próprio nome, a pureza. Jesus restitui a dignidade daquele homem.

Assim, o episódio de Lucas 19,1-10, “a salvação na casa do publicano Zaqueu” (Lancellotti, 1972, p. 178); bem como “a cura do cego, assim também a conversão do rico publicano de Jericó revelam o sentido salvífico da viagem de Jesus a Jerusalém: procurar, para salvá-lo, “aquilo que estava perdido” (v. 10). (Lancellotti, 1972, p. 178). Aí se fazem presentes o sentido e a revelação da missão de Jesus.

## 8. O encontro que gera conversão: implicações para a Igreja hoje à luz da *Evangelii Gaudium*

O encontro de Jesus com Zaqueu (Lc 19,1-10) revela de forma concreta o núcleo da ação evangelizadora: o encontro pessoal que gera conversão, transformação e vida nova. É justamente o dinamismo que propôs o saudoso Papa Francisco, uma Igreja missionária que está em saída, indo ao encontro dos outros, de maneira especial os afastados, excluídos e marginalizados pela sociedade.



[...] A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. [...] Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre «festejar»: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar (EG, 24).



O encontro com Jesus Cristo produz uma mudança real de vida, mostrando que a proximidade com Ele rompe fronteiras morais e religiosas. A conversão não é apenas interior ou emotiva, mas possui implicações nas esferas éticas, econômicas e relacionais. Isso evidencia que o obstáculo moral não é impedimento para a salvação. A “Igreja em saída” não é um simples slogan pastoral, mas um princípio fundamental da adesão à proposta de Cristo.

Em Lc 19,9-10 aparece o tema da salvação, que se manifesta no presente em uma realidade concreta de mudança. Assim, a evangelização consiste em tornar visível a vida restituída pelo amor de Deus. A afirmação de Zaqueu como “filho de Abraão” deixa claro que a missão é restituir a pertença daquele que foi excluído da comunidade, transformando sua vida pela graça e pelo amor divino.

A “Igreja em saída” é a identidade da Igreja que realiza um movimento em direção ao outro, abandonando a lógica da conservação para assumir a lógica da missão. Ela vai ao encontro dos afastados, das periferias existenciais, dos feridos e daqueles que, por diversas razões, foram deixados à margem da sociedade. Nesse sentido, a cultura do encontro é fundamental, pois propõe escuta, diálogo, misericórdia, discernimento e abertura. Não se trata de relativismo, mas do Evangelho da presença, que promove comunhão e conversão.

A *Evangelii Gaudium* recorda: “A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (EG, 24). A evangelização, portanto, deve gerar transformação concreta na vida das pessoas. O relato de Zaqueu mostra que o verdadeiro encontro com Cristo gera transformação concreta na vida de quem é acolhido, cuidado e ajudado a reorganizar sua vivência de fé à luz do Evangelho.

O convite do Papa Francisco para a verdadeira vivência de fé e impulso missionário é:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a



nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta, e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6,37) (EG, 49).



Portanto, um verdadeiro paradigma para a Igreja hoje, à luz da *Evangelii Gaudium* e do episódio de Zaqueu passa pela dinâmica: evangelizar é ir ao encontro, acolher, acompanhar e provocar uma autêntica conversão que se traduz na vida nova que Cristo propõe e no compromisso com o outro.

## 9. Considerações finais

Pode-se concluir, portanto, que a cultura do encontro constitui uma chave teológico-pastoral para interpretar o legado missionário do Papa Francisco em tempos de polarização, cuja resposta é evangelicamente necessária. A encíclica *Laudato Si* mostrou-se fundamental para compreender a interdependência entre a criação, a vida humana, a justiça social e a espiritualidade. Ela aponta para o verdadeiro encontro com Jesus, a exemplo de Zaqueu, que representa a missão como aproximação, misericórdia, acolhida e transformação concreta de vida. Assim, a evangelização presente na *Evangelii Gaudium* integra essa dinâmica de convocar a Igreja a redescobrir sua vocação missionária de sair de si ao encontro do outro. Dessa forma, o pontificado de Francisco ofereceu à Igreja contemporânea um horizonte missionário relevante, capaz de unir fé, justiça, misericórdia, cuidado com a casa comum e transformação das vidas e relações.

O pontificado de Francisco, ao insistir na cultura do encontro, revela uma proposta pastoral que não se limita a discursos, mas se concretiza em gestos de proximidade e misericórdia. Sua visão missionária convida a Igreja a superar divisões e a construir pontes em meio às polarizações do mundo atual. A *Laudato Si* e a *Evangelii Gaudium* se complementam ao mostrar que a missão não é apenas anúncio, mas também compromisso com a justiça social, a dignidade humana e o cuidado com a criação. Nesse sentido, Francisco oferece um caminho de renovação e esperança, no qual fé e vida se entrelaçam em práticas transformadoras. A Igreja é chamada a sair de si mesma, reencontrar sua vocação missionária e tornar-se sinal vivo de misericórdia e reconciliação no mundo.

## 10. Referências

BAUER, Johannes. **Dicionário de teologia bíblica 1**. São Paulo: Loyola, 1979.

BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. 3.ed. Brasília: CNBB, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 17 nov. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. São Paulo: Paulinas, 2015.

GARMUS, Frei Ludovico. **O cuidado da criação na perspectiva bíblica**. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/o-cuidado-da-criacao-na-perspectiva-biblica/#gsc.tab=0>. Acesso em: 31 out. 2022.

LANCELLOTTI, Boccali. **Comenatrio ao Evangelho de São Lucas**. Petrópolis: Vozes Ltda, 1972.

MARUJO, Marcelo Pereira. **Laudato Si: um presente para o planeta**. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/fluxoseriscos/article/view/730022>. Acesso em: 17 nov. 2022.

MORGADO, Frei Lopes. **Para uma “ecologia integral” com Francisco de Assis**. Disponível em: [https://www.capuchinhos.org/images/outros\\_jpic/20180524\\_para\\_uma\\_ecologia\\_integral.pdf](https://www.capuchinhos.org/images/outros_jpic/20180524_para_uma_ecologia_integral.pdf). Acesso em: 17 nov. 2022.

ORNELAS, José; GARRIDO, Joaquim; BARBOSA, Manuel; FREIRE, Ricardo; MONTEIRO, António. **31º Domingo do Tempo Comum – Ano C [atualizado]**. Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos). Disponível em: <https://www.dehonianos.org/portal/31o-domingo-do-tempo-comum-ano-c0/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

PIKAZA, Javier. **A Teologia de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1978.

Recebido: 06 de abril de 2026

Aceito: 10 de maio de 2026

